

Galeria do palacio de cristal portuense

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Vid. pag. 337)

II

Ainda que tiveramos a competencia, que nos falta, para fazer um estudo da exposição, em que se apreciassem os progressos da industria dos diversos paizes que alli concorreram, e com especialidade da industria nacional; estudo mui difficil pelo complexo das materias que abrange, e por muitas outras razões; não se accommodaria este trabalho, não diremos com a indole, mas com o espaço que este jornal lhe poderia conceder sem prejuizo dos outros assumptos, a que o obriga o seu programma.

Os nossos leitores que desejarem noticias circunstanciadas da exposição, e até importantes elementos para aquelle estudo, podem recorrer aos jornaes do Porto, que publicaram, durante os mezes de setembro, outubro e novembro do anno proximamente findo, interessantes artigos a esse respeito; nomeadamente os que o sr. Fradesso da Silveira publicou em primeira edição no *Commercio do Porto*, e em segunda n'um livro ha pouco saído dos prelos da typographia do sr. Lallemant, em Lisboa, sob o titulo de *Visitas á*

exposição de 1865; e, finalmente, aos relatorios das diversas commissões nomeadas para estudarem a dita exposição em referencia a determinados quesitos. D'entre estes relatorios, são muito notaveis o da commissão encarregada pelo sr. ministro das obras publicas de *ir á exposição internacional do Porto colligir os esclarecimentos que possam contribuir para a melhor representação de Portugal na exposição que deve effeituar-se em Paris no futuro anno de* 1867; e o do mesmo ministro a el-rei, lido na solemnidade do encerramento da exposição, celebrada no dia 2 de fevereiro do corrente anno. Estes dois relatorios foram publicados no *Diario de Lisboa.*

Passaremos, portanto, a fazer uma abbreviada visita ao palacio da exposição, e como já tratámos do edificio [1], limitar-nos-hemos a percorrer as suas naves, galerias, salas e construcções annexas, indicando os productos que mais sobresaiam em riqueza, ou na perfeição do trabalho, ou na barateza, que é tambem uma das mais essenciaes condições do desenvolvimento da industria. Porém, antes de principiar essa visita, cumpre-nos dar uma idéa geral da exposição, e expender algumas considerações, embora resumidamente, ácerca d'esse certamen da industria.

Na collocação dos objectos expostos não havia especie alguma de ordem tendente a facilitar o estudo dos progressos geraes da industria, pelo exame e comparação dos productos industriaes das diversas nações que vieram tomar logar n'este solemne concurso.

Esta clausula, tal como a pedem todas as exigencias d'aquelle estudo, tem faltado até nas grandes exposições universaes celebradas na Gran-Bretanha, na França e nos Estados Unidos da America.

Será a França a primeira que attenderá a essa imperiosa e urgente necessidade. Imperiosa e urgente em vista dos esforços que a industria faz para attingir o maior grau possivel de aperfeiçoamento, e na certeza de que um tal systema de classificação e collocação, completando o pensamento creador das exposições internacionaes ou universaes, fará com que se colham d'estes grandes concursos do trabalho todas as lições, conselhos e incentivos que naturalmente ahi se encerram como em um volumoso e substancioso livro. A França vae, pois, segundo dizem, introduzir esse grande melhoramento na exposição que se ha de realisar em Paris no anno de 1867.

A classificação ordenada para a exposição internacional portuguéza teve unicamente por fim estabelecer as regras para a admissão dos productos, e prover á necessaria regularidade do serviço da mesma exposição. Compunha-se esse systema de classificação de quatro divisões principaes, em que se comprehendiam 45 classes com as suas subdivisões.

A 1.ª d'aquellas divisões constava de 7 classes, que abrangiam todas as materias primas, e suas transformações immediatas.

A 2.ª divisão compunha-se de 13 classes, todas relativas a machinas.

A 3.ª divisão comprehendia 19 classes, que se referiam aos productos manufacturados e aos processos correlativos.

A 4.ª divisão encerrava 6 classes, todas consagradas ás bellas artes.

Quanto á secção portugueza, foi dividida em tres partes: productos do continente, da ilha da Madeira e das colonias.

Concorreram a esta grande festa do trabalho mais de tres mil expositores, e n'elles se acharam representados os seguintes paizes: Portugal, Hespanha, França, Gran-Bretanha, Belgica, Hollanda, Suissa, Italia, Prussia, Austria, Baviera, Saxonia, Hanover, grão-ducado de Baden, Mecklemburgo, Anhalt-Dessau e Schaumburg-Lippe, Brunswick, Hesse Eleitoral, Hesse Darmstadt, Saxe-Coburgo-Gotha, Saxe-Weimar, Saxe-Meiningen, Schleswig-Holstein, Hamburgo, Francfort, Breme, Lubeck, Dinamarca, Russia, Turquia, Japão, Brasil, Estados Unidos.

D'entre todas estas nações era a França a que se achava melhor e mais dignamente representada. O numero de seus expositores elevava-se a perto de 500, e os productos que exhibiram ostentaram na belleza da invenção, no primor do trabalho, e muitos d'elles nos variados dotes de grandiosidade e riqueza, o subido grau de esplendor a que chegaram n'aquelle paiz as artes e a industria.

A Gran-Bretanha apenas nos enviou uma tenue amostra do seu extraordinario desenvolvimento industrial. Esta nação, que tanto zela a sua dignidade e tão ciosa é de que outras lhe tomem o passo nos progressos humanitarios, deixou de se fazer representar convenientemente na exposição portugueza, talvez porque a sua exposição de Dublin, que coincidiu com a nossa, lhe distrahiu a attenção, ou porque, dando ouvidos ao muito que entre nós se disse e escreveu contra um tal commettimento como superior ás nossas forças, entendeu que todos os esforços não passariam de uma tentativa honrosa, porém mallograda.

A Hespanha teve tão poucos expositores, que mal nos deixou ajuizar do seu estado industrial. Esta falta é attribuida principalmente á agitação que lavrava no paiz, precursora da perturbação da ordem, que não tardou muito em rebentar.

A Belgica, posto que não apresentasse na exposição um quadro onde se visse desenhado, embora em traços largos, o singular desenvolvimento da sua industria, offereceu cabal documento dos seus rapidos progressos, fazendo-se alli notar pela perfeição e barateza dos seus productos. E tanto primou no desempenho d'esta lei economica imposta pela civilisação a todos os progressos da industria, que achou prompta venda aos productos que exhibiu, e abriu, sem duvida, em o nosso paiz um novo mercado para as manufacturas belgas.

A Italia, patria dilecta das artes, escolheu este campo para sobresair na exposição portugueza. O numero e perfeição das obras de pintura e de esculptura em marmore que alli enviou, sustentam-lhe a reputação que desfructa de nação eminentemente artistica entre as mais cultas.

A Allemanha, cuja industria se acha tão largamente desenvolvida, tão aperfeiçoada, tão prospera, não figurou na exposição do Porto de um modo condigno com a elevada posição que occupa como nação industriosa. Pede, porém, a justiça que façamos excepção da cidade livre de Hamburgo, pois que de tão pequeno estado concorreram alli 45 expositores, que exhibiram variadissimos artefactos de marfim, de ambar, de gutta-percha e caoutchouc volcanisado e endurecido; diversidade de moveis e ornatos de salas; transparentes, machinas de coser, etc.

Dos outros paizes d'além da Confederação Germanica vieram tão poucos expositores, que não foram sufficientes os seus productos para se poder formar uma idéa aproximada do estado da industria de cada um. E o mesmo diremos relativamente á America.

Resta-nos fallar do nosso paiz, e forçoso é confessar que a sua industria estava alli muito mal representada. Não obstante ser aquelle grande concurso uma festa nacional, instituida em honra da nação portugueza, e para proveito quasi exclusivamente seu, deixaram de comparecer n'ella muitos artistas e industriaes, que não sómente a abrilhantariam com as producções do seu trabalho, mas que completariam, o que é ainda mais importante, o quadro geral da industria portugueza. Faziam falta sensivel n'aquella exposição os productos de muitos estabelecimentos fabris que avultam entre nós pelos grandes capitaes que

[1] Vid. a gravura e artigo a pag. 1 e 2 do vol. VII.

empregam, pelos numerosos braços a que dão occupação, pelos aperfeiçoamentos que tem alcançado, e pela importancia do seu movimento industrial.

Tambem não se vjam alli algumas pequenas industrias, que, apesar da sua pequenez, se recommendam por sua utilidade, e que podiam apparecer airosamente n'esse certamen do trabalho. Em bellas artes figura Portugal muito menos vantajosamente do que podia e lhe cumpria figurar.

Não nos permittem os limites que impozemos ao nosso discurso fazer a resenha dos estabelecimentos fabris, das pequenas industrias, e das officinas artisticas que não enviaram productos á exposição, e de cuja falta resultou úma grande lacuna no quadro geral da industria portugueza. Todavia, especificaremos, como exemplos que se nos antolham mais evidentes, um ramo da industria e outro das artes que ao presente cultivâmos do modo mais honroso para o paiz. Alludimos á marcenaria e á esculptura de ornato, principalmente em pedra.

A marcenaria tem attingido em Lisboa n'estes ultimos annos um tão grande aperfeiçoamento, que já passou, não ha muito tempo, pelas regiões do poder a idéa de promover n'esta cidade uma exposição especial e exclusiva d'este ramo da nossa industria, na convicção de que resultaria d'ahi muita gloria para os artifices e para o paiz.

Quem tem conhecimento dos moveis feitos n'esta capital para o real paço das Necessidades, por occasião do consorcio do chorado e mallogrado rei o sr. D. Pedro V; quem tiver visto os ricos moveis de carvalho cobertos de primorosas esculpturas, tão bellos e elegantes como os que nos vem de França; quem visitar, em fim, as principaes officinas de marcenaria de Lisboa, reconhecerá que este ramo da industria tem chegado em o nosso paiz a um notavel aperfeiçoamento.

O ramo das bellas artes mais florescente em Portugal é, em nossa opinião, o da esculptura de ornato, principalmente na pedra; mais florescente pela perfeição que tem attingido, e pela prosperidade que está logrando. Podem-se ver as provas d'esta asserção em as numerosas officinas de canteiro que ha em Lisboa. E se apontarmos para determinadas obras, como por exemplo as que el-rei o sr. D. Fernando tem mandado executar no real paço da Pena, em Cintra, acharemos trabalhos dos nossos esculptores que podem competir, certamente, com as producções dos melhores artistas estrangeiros. E todavia, não appareceu na exposição portugueza um unico exemplar em pedra d'esse genero de trabalho em que tanto nos distinguimos!

Não tem, por conseguinte, direito a queixar-se da indifferença dos estranhos quem assim deixou correr á revelia a honra e os mais interesses proprios. Além d'esse desanimo e desleixo, que estão infelizmente inoculados em nossos costumes como defeitos nacionaes, todas essas lacunas que notâmos e deplorâmos tiveram por causas principaes a falta da acção do governo, que é, e será ainda por largos annos, em quanto nos não regenerarmos d'aquelles defeitos, não sómente necessaria, mas até indispensavel como o unico movel de todos os melhoramentos do paiz; e as opposições e contrariedades que, com mais ou menos fundamento, se levantaram na imprensa e nas conversações particulares contra o pensamento da exposição internacional.

O exacerbamento das paixões politicas e a agitação do paiz durante uma boa parte do anno de 1865, e que desgraçadamente coincidiram com os preparativos para a exposição do Porto, desviaram quasi inteiramente a attenção dos poderes publicos d'essa audaciosa empreza em que se achava compromettido o decoro da nação; ou, diremos melhor, paralysaram a protecção energica requerida por um tal commettimento.

A falta, pois, de diligencias e de instancias officiaes, actuando sobre a nossa proverbial incuria, e deixando tomar corpo áquellas opposições e contrariedades, arraigou no animo de muitos industriaes a persuasão de que a tentativa dos directores do palacio de cristal portuense naufragaria irremediavelmente. E de certo assim havia de succeder, se outras influencias beneficas se não empenhassem em neutralisar os effeitos de taes causas. A estas chamâmos principaes, porque se deram ainda várias outras de menor importancia, que não nos cumpre agora examinar.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Vid. pag. 363)

VII

Pedro cumpriu o seu proposito de não se demorar no solo francez.

Já o temos na Suissa; vae percorrer as poeticas montanhas, aformoseadas com as recordações do libertador Guilherme Tell, e de Carlos, o temerario; vae extasiar-se contemplando as magestosas nevadas, as cascatas magnificas, os lagos azues e as risonhas queijeiras, que os poetas francezes e allemães pintam com tão seductoras côres. Pensa permanecer n'aquelle romantico e encantador paiz a maior parte do verão; receia, e ao mesmo tempo deseja, que o captivem os olhos de alguma d'aquellas bellissimas montanhezas, que na sua opinião devem enthesoirar, harmonicamente combinados, o ardente e impetuoso amor da raça latina, e o purissimo e delicado sentimento da raça germanica.

Experimentava Pedro, ao pisar os montes da antiga Helvecia, um sentimento muito parecido ao que deve experimentar o fervoroso christão, familiarisado com as Sagradas Escripturas, ao pisar os montes da Judéa.

Uma terrivel nevada se lhe apresentou á vista. De vez em quando uma rajada de vento silvava no valle com espantoso ruido. O coração de Pedro batia com violencia ante aquelle magnifico espectaculo.

Arrastado pela curiosidade, o nosso enthusiasta viajante aproximou-se do valle para onde confluiam aquellas enormes massas de neve congelada.

Ouve de repente sobre a cabeça um ruido simillhante ao do trovão, e rolou pelos profundos abysmos que se lhe abriam aos pés, envolvido em um oceano de agua e neve. Colhêra-o uma *avalange*, e a sua vida corria imminente risco.

Pedro, fazendo desesperados esforços para salvar-se, invocou a Virgem, o nome de sua mãe, e até o de Rosa lhe acudiu aos labios.

Pôde, em fim, agarrar-se a uns ramos que bordejavam a torrente, e salvou-se, mas cheio de agua e lodo, tiritando com frio, e tendo o corpo tão moido como se os cajados dos pastores dos Pyrenéos lhe apalpassem as costellas.

As nevadas, que tão bellas se lhe afiguraram na bibliotheca do americano, inspiravam-lhe agora profundo horror, e não pôde deixar de comparar os riscos que offerecia nas montanhas da Suissa a contemplação da natureza, com a segurança que offerecia a mesma contemplação nas montanhas das Encartações.

— Contentemo-nos, disse, com espectaculos mais pacificos e commoções mais bucolicas. Procuremos nas alvas e limpas queijeiras, habitadas por campo-

nezas innocentes e formosas como a virgem de Underwal, cantada por d'Arlincourt, os serenos lagos e as tradições populares que devem conservar n'estas montanhas as recordações de Arnoldo, de Werner, de Furst, de Tell, e de todos esses heroes que libertaram a Helvecia do tyranno Gesler.

Pedro divisou uma queijeira e encaminhou-se para ella.

Na queijeira encontrou umas raparigas, descalças de pé e perna, desgrenhadas, e revelando falta de aceio. Vendo-as, recordou-se de Rosa, que, comparada com as montanhezas suissas, lhe pareceu uma rosa de Alexandria comparada com um cardo de charneca.

— Que desapontamento! — exclamou, começando a estrangeirisar-se; mas o saboroso leite que me hão de servir aqui me compensará d'esta amargura.

Sentou-se a uma pequena mesa, e pediu leite, que lhe serviram immediatamente.

Pareceu-lhe que o leite estava alterado, e que nos bordos da vasilha fluctuavam alguns pellos da vacca, ou sabe Deus o quê.

Pedro afastou a vasilha dos labios com asco e indignação, e resignou-se a deixar com vida a fome que principiava a atormental-o.

— Quem tivera aqui aquella pequena mesa coberta com uma toalha, tão alva como a neve, e provida de uma bilha de limpo, fresco e assucarado leite, que minha mãe costumava preparar-me debaixo da parreira que estava á porta da casa! — disse o mancebo. A mulher mais descuidada de S... não serviria nunca uma bilha ou um copo de leite, sem passal-o antes com um guardanapo bem lavado, ou com um molho de feno.

Pedro teve que dar por aquella vasilha de leite, na sua opinião corrompido, dez vezes mais do que lhe custaria na sua aldeia uma bilha de leite aceiado e fresco; e como se queixasse do mal que o serviam, pouco faltou para que um robusto montanhez lhe medisse as costellas com uma estaca.

Percorrendo em seguida os lagos de Zurich e outros, esteve quasi a afogar-se, e accommetteram-n'o umas febres intermittentes, pelo que ficou receando os lagos, e decidiu contentar-se com as tradições populares dos cantões de Uri, Schwitz e Underwal, tradições que esperava encontrar até na boca do mais rustico montanhez.

— Diga-me, bom homem, perguntou a um que ia guiando umas vaccas; que tradições populares ha n'este cantão?

— Não entendo o que é isso, respondeu o vaqueiro.

— Quero dizer se os habitantes d'estas montanhas conservam lembrança dos heroes que os emanciparam da tyrannia austriaca, no seculo XIV.

— Nem quatorze nem quinze! Não sei ler, e por isso fico jejuando a respeito do que v. s. me diz.

— Que homem tão bronco, meu Deus! — murmurou Pedro afastando-se do vaqueiro. Nas Encartações até os mais rudes tem, quando menos, algumas noções da historia local, sequer para confundir as epochas; e onde houver uma fortaleza fundada pelos sustentadores dos bandos *oñocino* e *gamboino*, verão uma fortaleza fundada pelos moiros, embora estes senhores não pisassem nunca o solo vasconço.

Mais adiante encontrou um rachador que se lhe figurou homem menos rustico.

— Olá, meu amigo, que tradições se conservam n'estes sitios do heroico Guilherme Tell?

— Guilherme Tell? — replicou o rachador como se ouvisse por primeira vez este nome. Não o conheço.

— Pois vossê ignora...

— Parece-me que já entendo, acudiu o montanhez dando-se importancia. Pergunta v. s. por el-rei da Prussia Frederico Guilherme? Teremos que ver coisas do arco iris por causa das intrigas dos realistas e dos republicanos de Neufchatel...

Pedro voltou as espadoas ao rachador, renegando da Suissa, dos suissos, e até do dia em que poz os pés n'aquellas montanhas, as quaes, comparadas com as de Biscaya, lhe pareciam o inferno comparado com o ceo.

Dirigiu-se em seguida para a Allemanha.

Se o que escreve a historia das suas viagens estivesse a seu lado, ter-lhe-hia dito ao ouvido:

— Não sejas louco, Pedro; volta para S..., que em nenhuma parte encontrarás o que procuras. Assim como a tua imaginação tem a propriedade de engrandecer as coisas de longe, tem a de amesquinhal-as de perto.

Mas como ninguem lhe aconselhou isto, e a sua exaltada phantasia lhe dizia o contrario, tomou pelo Rheno abaixo.

Nem nas margens do Rheno, nem nas de Mayn, nem nas do Elba, nem nas do Oder, nem nas do Danubio encontrou sylphides nem wilis.

Viu muitos castellos de margraves e palatinos, e ao entrar n'elles encontrou-se com fabricas de cerveja, onde os sisudos philosophos allemães se enchiam tanto, que andavam repetidas vezes a cambetear.

Procurou sob os freixos e as faias aquelles bailes pastoris e aquellas virgens de olhos de ceo e cabellos de oiro, que se lhe deparavam nas balladas allemães, e encontrou o que em todas as partes se encontra: raparigas loiras e raparigas morenas; raparigas formosas e raparigas feias; raparigas novas e raparigas velhas; raparigas doceis e innocentes, e raparigas ariscas e ladinas; e disse para com os seus botões:

— Para esta viagem não carecia de alforges. Ai, aldeia da minha vida, mãe da minha alma e Rosa do meu coração! Valeis mais que toda a Allemanha e todas as allemãs juntas!... A Grecia, em compensação, me fará esquecer este novo desengano.

E dirigiu-se para a patria de Homero.

(Continua)

VILLA DE TORRES VEDRAS

II

(Vid. pag. 361)

Torres Vedras dista de Lisboa uns 45 kilometros para o norte, e 10 da costa do Oceano para o lado do sul. É cabeça de concelho e de comarca, e faz parte do districto administrativo de Lisboa.

É muito aprazivel a situação d'esta villa, pela risonha paizagem que a cérca. Assim, pois, vista de alguma distancia, offerece ao espectador um formoso panorama.

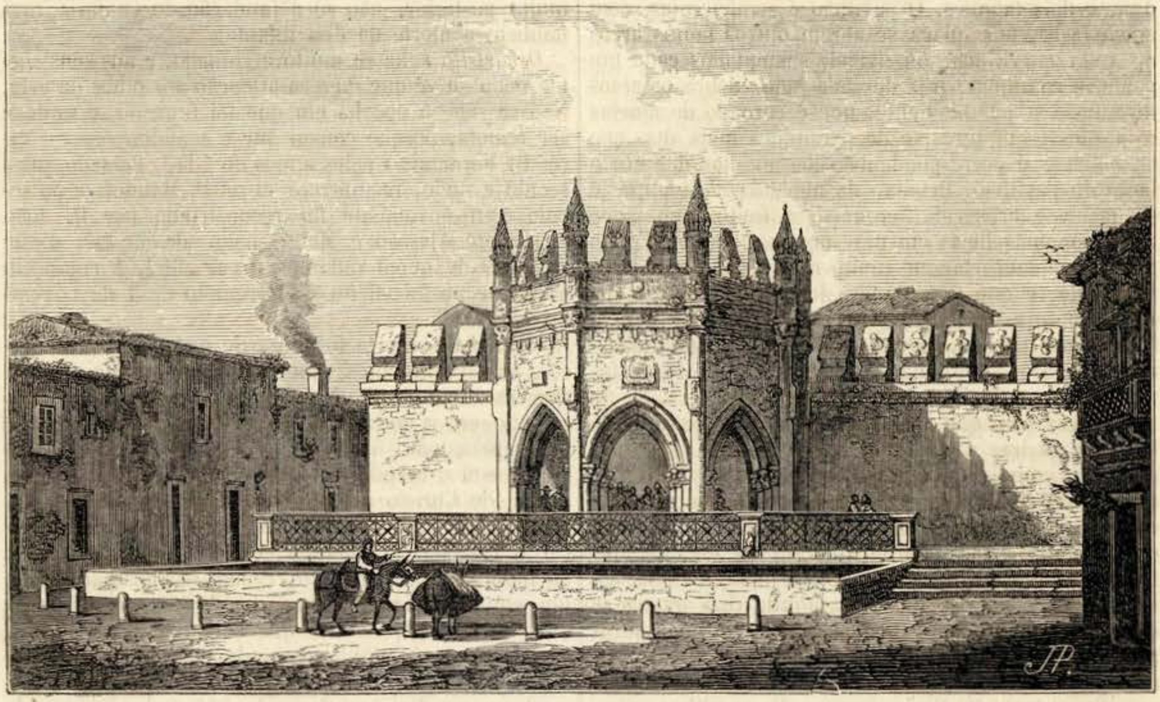
Em meio de um valle bem plano, e quasi perfeitamente circular, com uns 3 kilometros, pouco mais ou menos, de circunferencia junto das montanhas que lhe fazem cercadura, levanta-se um monte, menos elevado que os que debruam o valle, mas sem a menor ligação com estes por especie alguma de ondulação de terreno, antes tão independente d'elles, e quasi tão aprumado como a meda de trigo no meio de espaçosa eira. Na crista d'este monte jaz em ruinas o antigo castello de Torres Vedras, cuja primeira cêrca de muros cinge o oiteiro a meia altura. Na encosta do lado do sul está edificada uma parte da villa, aquella cuja parochia, da invocação de Santa Maria do Castello, attesta mais ancianidade. A outra parte da povoação está sentada na planicie, abraçando o monte junto da raiz por todos os lados, exceptuando o norte. Completam este quadro, dando-lhe maior realce, o rio Syzandro com suas margens arborisadas, e várias estradas por partes guarnecidas de ar-

vores, que em differentes direcções cortam o valle, correndo por entre prados e vinhas.

Penetrando, porém, no interior da villa, trocam-se aquellas scenas alegres em um aspecto triste, não obstante a animação que lhe provém de ter a povoação muito accumulada, e grande trato commercial com todas as terras da comarca. Estes predicados, porém, não podem neutralisar o mau effeito das ruas, que são, em geral, estreitas, tortuosas, faltas de limpeza, e algumas guarnecidas, em todo o seu comprimento, de casas de tres e mais andares. Sómente ha uma rua a que bem quadrem os epithetos de larga, direita, alegre e aceiada. Chama-se *rua das Olarias;* corre de léste para oéste em uma das extremidades da villa, e principia no largo da Graça, que é a melhor praça, e que serve de entrada a quem vem de Lisboa pela estrada que faz seguimento á de Loires.

Os outros largos são mais pequenos, e nenhum, incluindo a *praça do Pelourinho*, onde astá a casa da camara, se torna notavel por circunstancia alguma que mereça mencionar-se. O mesmo diremos das casas particulares; entretanto, vê-se uma ou outra de prospecto regular, e que não desagrada.

São tres as egrejas parochiaes. A *matriz*, de muito antiga fundação, é dedicada a *Nossa Senhora da Assumpção;* mas por estar edificada dentro da primeira cêrca de muros do castello, é mais conhecida pelo nome popular de *Santa Maria do Castello*. As outras duas, da invocação de *S. Pedro* e *S. Thiago*, tambem muito antigas, estão situadas no centro da villa. Teve uma quarta freguezia, que foi ha pouco supprimida, e se intitulava de *S. Miguel*, cujo templo existe no arrabalde, para o lado do norte, nas faldas do monte do castello, e junto ao rio Syzandro.



Chafariz dos Canos em Torres Vedras

Conta mais Torres Vedras os seguintes edificios religiosos e estabelecimentos pios: A *egreja e hospital da Misericordia* tiveram principio no anno de 1520. Por conseguinte, datam da epocha em que viviam os benemeritos fundadores da Misericordia de Lisboa, primeira que houve no reino, instituição tão caridosa e philosophica, que bastaria de per si, quaesquer que fossem os tempos e a nação, para fazer a gloria de um reinado. Aquella egreja é um templo regular, tanto em grandeza como nos ornamentos; porém a sacristia é melhor e mais bem ornada que o ordinario. O hospital tem bom rendimento, a sua administração e serviço nada deixam a desejar. Tem as enfermarias com bastante aceio, a botica bem provida, e facultativos diligentes. Substituiu o *hospital do Espirito Santo*, creado muito anteriormente; e nas casas d'este foi estabelecido. Porém, como o edificio fosse pequeno, passado pouco tempo a confraria da misericordia comprou uma casa nobre na *rua da Misericordia*, contigua á sua egreja, e para ahi mudou o hospital.

Instituiu n'esta villa a rainha D. Leonor, mulher del-rei D. Duarte, sete mercearias para donzellas ou viuvas pobres e honestas.

Outr'ora possuiu Torres Vedras mais dois estabelecimentos pios: o *hospital dos Gafos*, da invocação de Santo André, que foi extincto em 1544, sendo demolido o seu edificio para dar logar á fundação do convento da Graça, para o qual passaram os seus bens; e o *hospital de S. Gião*, que foi supprimido, e os seus rendimentos, juntamente com os da confraria denominada *das Ovelhas*, encorporados nos da misericordia.

Ha na villa e nos arrabaldes muitas ermidas, e havia um convento de *eremitas calçados de Santo Agostinho*, dedicado a Nossa Senhora da Graça, o qual teve a sua primeira fundação no anno de 1266, defronte da egreja parochial da S. Thiago, e a segunda em 1544, no largo a que deu o nome, e de que acima fallámos. Nem o convento nem a egreja são notaveis por bellezas ou grandeza de construcção; mas ficaram celebres porque teve o primeiro por seus prelados a S. Gonçalo de Lagos, que a villa tomou por seu padroeiro, e D. Fr. Aleixo de Menezes, elevado a arcebispo de Goa, e depois transferido para a mitra primacial de Braga. Pela extincção das ordens religiosas, foi vendido o convento, e é hoje propriedade particular. Da egreja está de posse a irmandade do Senhor dos Passos, que a conserva com aceio, e n'ella celebra com muita decencia os officios divinos.

Torres Vedras não apresenta edificios publicos esplendidos, mas contém alguns importantes pelo seu fim utilitario, e, além d'estes, várias reliquias da antiguidade e memorias historicas. O aqueducto, o chafariz dos Canos e o castello, são os seus principaes monumentos. Fallaremos do primeiro em logar mais apropriado, que é quando tratarmos dos arrabaldes por onde elle corre. Quanto ao segundo, occupar-nos-hemos d'elle mais dilatadamente que dos outros edificios, por tres razões ponderosas, quaes são a de ser o assumpto da nossa gravura, a de se acharem alli reunidos o interesse artistico e o da antiguidade, e a de termos dúvidas ácerca da epocha a que é attribuida a sua fundação, e a respeito da pessoa que é designada como fundadora.

O chafariz dos Canos é um curioso exemplar da architectura gothica n'este genero de construcções, e, portanto, apreciavel, porque são raros em o nosso paiz. Consta de um pavilhão, da fonte propriamente dita, e dois tanques. O pavilhão é semicircular, com cinco faces, nas quaes se abrem outros tantos arcos de volta curvilinea, ou ogival, sustentados cada um por seis columnas, tres de cada lado. Sobre os arcos levanta-se o entablamento, que é coroado de ameias com suas esculpturas, e de pyramides mais altas que as ameias, e correspondentes aos angulos das cinco faces do pavilhão. Debaixo da abobada d'este, que é de pedra e artezoada, ergue-se a fonte, que lança agua por duas bicas em um pequeno tanque, d'onde passa para outro tanque muito maior, collocado inferiormente, e que toma toda a frente do pavilhão, ficando junto a uma escada de pedra que sobe para a fonte. Este tanque foi construido em tempos modernos para uso dos animaes. Toda esta obra do chafariz é de cantaria bem lavrada.

A julgar pelo que ahi se lê em uma inscripção gravada na pedra, a qual diz que *mandára fazer este chafariz uma infanta portugueza no anno de* 1561, deve-se ter por fundadora, não obstante não declarar o nome, a infanta D. Maria, filha del-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor de Austria, sua terceira mulher; pois que n'aquelle anno era a unica infanta portugueza que existia. A nossa familia real achava-se então reduzida a el-rei D. Sebastião, ainda menino; á rainha D. Catharina, sua avó, viuva del-rei D. João III, e regente do reino; ao cardeal infante D. Henrique, e á dita infanta D. Maria, irmãos d'este ultimo soberano; e ao sr. D. Duarte, duque de Guimarães, filho do infante D. Duarte, tambem duque de Guimarães, e irmão dos antecedentes.

Não ha dúvida de que a infanta D. Maria foi senhora da villa de Torres Vedras, como já dissemos; e tambem é certo que foi muito dada a dispender em edificações os avultados rendimentos de que dispunha. Entretanto, não acreditâmos que o chafariz dos Cannos seja obra sua. Serve-nos de fundamento o estilo de architectura a que pertence.

Relevem-nos os nossos leitores repetirmos aqui o que por mais de uma vez temos dito n'este jornal.

A architectura gothica deixou de ser seguida em Portugal no reinado de D. João III. As obras que este monarcha emprehendeu de novo no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e que tiveram principio no anno de 1527, sexto do seu reinado, já não apresentam feição alguma do estilo gothico. A nova architectura, chamada do *renascimento*, sendo abraçada e applaudida como a regeneração das artes, excitou tanto enthusiasmo em seu favor, e tamanha execração contra o estilo gothico, como representante dos tempos de barbaridade, que não sómente foi proscripto este ultimo estilo das edificações que se construiam de novo, mas até se alterava o risco das que se andavam construindo na epocha da introducção da architectura do renascimento, para se lhe dar o remate segundo os preceitos d'esta, como succedeu com a egreja do mosteiro de Belem. E não ficou só n'isto o odio e desprezo pelo estilo gothico. D'ahi por diante, todas as vezes que era mister proceder a obras de reedificação, ou mesmo até de simples reparação nos edificios gothicos, alteravam-lhes sempre as feições, parecendo aproveitar-se com prazer essa occasião para ir enxertando n'elles remendos do estilo do renascimento. Fariamos um longo catalago se pozessemos aqui os exemplos que nos occorrem á memoria.

Concluiremos, portanto, dizendo que depois da introducção do estilo do renascimento não se construiu em o nosso paiz edificio algum gothico; que os monumentos da piedade religiosa d'aquella infanta, fundados na Luz e em Lisboa [1], fallam em abono da nossa opinião; e, finalmente, que a edificação do chafariz dos Canos é muito anterior ao anno que a inscripção lhe assignala, devendo, por conseguinte, suppor-se que a dita inscripção foi alli gravada em uma epocha muito posterior, não só á fundação do chafariz, mas tambem á morte da dita infanta.

O castello acha-se muito arruinado, e nos seus restos nada se vê que mereça attenção aos olhos da arte. Não se sabe a epocha em que foi fundado, mas deve ser remota, porque consta que o mandou reparar el-rei D. Fernando I pelos annos de 1373. Passado quasi seculo e meio, reedificou-o el-rei D. Manuel; e no seculo XVII novamente foi reconstruido por D. João Soares de Alarcão e Mello, nono alcaide-mór d'este castello, de quem fallámos a pag. 362. A ruina em que se acha foi effeito do terremoto de 1 de novembro de 1755.

Compunha-se esta fortaleza de duas cêrcas de muros, não muito altos, que pela maior parte se conservam ainda de pé. Na primeira cêrca tem um portal que era a entrada do castello, e que ao presente dá ingresso para o adro da egreja matriz. Sobre este portal está o escudo das armas reaes entre a cruz da ordem de Christo e a esphera armillar, divisas del-rei D. Manuel, alli postas por occasião de se reedificar o castello. A segunda cêrca cinge toda a coroa do monte. No seu recinto erguem-se altas paredes de um amplo edificio de dois pavimentos, que domina toda a fortaleza, a villa que se estende a seus pés, e o valle que a ambas circunda. As paredes interiores estão quasi inteiramente derrocadas, mas ainda mostram as divisões das salas do andar nobre, de cujas janellas se devia gozar um formoso e variado panorama. Diz a tradição, e refere a *Monarchia Lusitana*, que n'estes paços do castello residiu uma das nossas primeiras rainhas, sem comtudo a nomear. D'esses tempos, porém, não se acham vestigios no edificio, cuja architectura o denuncia como obra do seculo XVII, e, por conseguinte, reedificação feita pelo já citado D. João Soares de Alarcão e Mello. O que é certo é ter servido de residencia aos alcaides-móres do castello.

Havia dentro da fortaleza tres cisternas e um caminho subterraneo que conduzia ás faldas do monte, junto ao rio Syzandro.

Torres Vedras foi cercada de muralhas com suas torres e tres portas. Das primeiras apenas existem alguns restos servindo de parede ou de envasamento a outros edificios. As portas chamavam-se: *de Santa Anna*, *da Varzea*, e *da Corredoira*. A *de Santa Anna* foi demolida em 1641, para augmento e melhoramento do *largo da Graça*. A *da Varzea* foi desfeita em 1734, a fim de se construir a estrada nova d'esta villa para Mafra, e em cujas obras se empregou a pedra da porta e dos lanços de muralha contiguos. A *da Corredoira* desappareceu anteriormente, tambem por motivo de

[1] O convento da ordem de Christo, e o hospital, hoje collegio militar, ambos na Luz; e o mosteiro da Encarnação, de commendadeiras da ordem militar de Aviz, em Lisboa.

melhoramentos publicos. Ficaram, porém, os nomes d'estas portas aos sitios onde existiram.

Não conserva esta villa padrão algum que commemore as honras que desfructou tendo sido por tantas vezes assento da corte. Dos seus *paços velhos* nada existe, nem se pôde indicar com exactidão o logar onde se erguia essa primeira habitação real. Sabe-se apenas que ficava proximo do castello, no bairro denominado *Carcavellos*, para o lado do sul. Dos *paços novos* restam insignificantes vestigios no local onde hoje vemos o açougue.

Além do *chafariz dos Canos*, abastecem de boa agua os habitantes outras fontes, entre as quaes ha uma, á saída da povoação sobre a estrada de Lisboa, que tem as armas reaes e as da villa, com a era de 1529, mas que é de fabrica mesquinha.

Torres Vedras possue um theatro e dois passeios publicos situados agradavelmente. O *passeio do Jardim*, com uma fonte, estende-se em uma planicie entre os montes do castello e de S. Vicente e junto das margens do Syzandro. Tem padecido este passeio crueis devastações. O seu arvoredo primitivo foi cortado para o serviço das linhas de defesa, que suspenderam a invasão dos francezes em 1810. Plantado novamente em 1821, este segundo arvoredo teve a mesma sorte do primeiro, com a differença de ser menos justificada a sentença que o condemnou. Fazem-se alli as feiras annuaes. O *passeio da Varzea*, n'outra extremidade da villa, e em situação mais desafogada, foi plantado ha poucos annos.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Vid. pag. 358)

VI

ABERTURA DOS TUMULOS REAES

Eis como a *Gazeta de Lisboa* refere a ceremonia da abertura dos tumulos reaes no dia 23 de outubro de 1832.

«........Hoje, sua magestade, depois do seu despacho no gabinete, foi de tarde, e mais suas altezas reaes, a verem na egreja do convento de Santa Cruz o interior do tumulo do senhor rei D. Affonso Henriques: ia acompanhado dos excellentissimos senhores duque de Lafões, marquez de Bellas, marquez de Tancos, e conde barão de Alvito, camarista de semana, conde de S. Lourenço, ministro secretario d'estado dos negocios da guerra, conde de Barbacena, chefe do estado maior general, brigadeiro Gorjão, quartel mestre general, brigadeiro Povoas, ajudante d'ordens de sua magestade, major conde de Belmonte, ajudante de campo, e dos mais da mesma classe condes de Soure, do Cartaxo, de Vianna, d'Almada, de Redondo, e de Carvalhaes, e D. Bernardo d'Almeida, seu irmão; e officiaes d'ordens visconde d'Asseca, e tenente Manoel Correia, seu irmão; coroneis de voluntarios realistas conde de Castro Marim e visconde da Bahia; e varios criados da casa real; indo tambem como viadores de suas altezas os condes de Camarido e de Cintra: seguindo o caminho da universidade pela *Fonte Nova*, e alli concorria immensa gente para saudar o augusto monarcha, que sendo esperado mais suas altezas reaes pelo dom prior geral e communidade á porta do convento de Santa Cruz, e acompanhado á egreja, feitas as orações, mandou sua magestade abrir o tumulo do fundador da monarchia portugueza, repetindo assim este acto, que pela ultima vez se havia feito pouco mais de um seculo antes, isto é, em setembro de 1732, reinando então em Portugal o senhor rei D. João v, e anteriormente o havia feito tambem o senhor rei D. Manuel.

«Aberto pois aquelle deposito precioso dos restos mortaes do grande rei e senhor D. Affonso Henriques, se achou um pequeno cofre de madeira de cedro, junto a outro maior, existindo sómente no menor alguns restos de ossos pequenos, que indicavam ter sido de algum menino, mas tudo o mais reduzido a terra ou cinzas; e no segundo cofre maior, que se achava ainda coberto com um resto de tella rica de ouro e prata com franjas desta qualidade, se vio sobre a tampa, que teria 3 e meio até 4 palmos de comprimento, uma chave de ferro, a qual tinha sido dourada; e no mesmo um frasco de vidro faceado, com a base de 3 pollegadas quadradas, e 7 de altura, rolhado e lacrado com as armas reaes em cima, e uma inscripção em baixo, dizendo: *Noticia do que se passou em o mez de Setembro de* 1732; tendo este frasco dentro um embrulho escuro, e com letras, mas pegado ao fundo do vaso, o qual se poz de parte para depois se examinar: tendo logo sua magestade dito, que o sello era das armas do senhor rei D. João v, e não do senhor D. Manuel, como se dizia.

«Na presença pois de sua magestade, de suas altezas reaes, da côrte, do estado maior general, do excellentissimo e reverendissimo bispo de Coimbra D. Fr. Joaquim da Nazareth, do dom prior geral e de toda a communidade de Santa Cruz, se proseguiu no exame dos caixões do tumulo, e se reconheceu com favor da chronica do convento, estarem no segundo cofre os despojos mortaes da senhora rainha de Portugal, D. Mafalda, esposa do primeiro rei, e por estarem muito arruinadas as madeiras e mesmo os ossos, ordenou sua magestade que se passassem para melhor cofre.

«Logo por baixo se achou outro caixão tambem de cedro, e com outra chave como a primeira, e restos de cobertura de tella egualmente de prata e ouro, côm xadrez de cores já muito amortecidas. Abrio-se a tampa deste terceiro cofre, que teria seis palmos de comprido, e n'elle se acharam os ossos do grande guerreiro e rei de Portugal o senhor D. Affonso Henriques. A sua caveira estava inteira, e mostrava ainda todos os dentes no seu logar menos um: as dimensões do craneo e mais partes da cabeça eram grandes, e proporcionados os ossos dos braços e pernas, os quaes, comparando-se com os da figura superior ao tumulo, se achou perfeitamente coincidirem com as dimensões respectivas, tendo esta figura 10 palmos de comprimento, como refere a historia haver tido de altura o heroe, a quem representa vestido de ferro, collocado de costas, tendo uma almofada de pedra por travesseiro, e um leão dourado aos pés.

....

«Voltando porem ao exame do frasco, que se havia encontrado no jazigo, nada alli se pôde adiantar, por não se poder tirar o embrulho, que tinha dentro, e sua magestade o mandou conduzir pelo conde de Redondo, seu camarista, quando se retirou, havendo dado as suas ordens ao dom prior geral de Santa Cruz para se tornarem a arranjar os caixões do real jazigo, que se havia aberto.

....

«Do hospital foi sua magestade visitar o museu, e alli fez extrahir pelo doutor Franco o que o frasco trazido do tumulo tinha dentro, e se achou serem duas escripturas em pergaminho muito destruido, confusas ou mal legiveis as letras, porque a humidade havia atacado a pelle em que estavam, e se pôde perceber, que uma era em portuguez, e de caracter de letra moderna, isto é, de pouco mais de um seculo; e outra em latim, tambem de egual similhança, sendo provavel explicarem ambas referencias a mais antigos titulos, quando em setembro de 1732 se abriu o tumulo real, como diz o letreiro no fundo do vaso;

e na escriptura latina se póde ver, que fallava da senhora D. Thereza, mãe do senhor D. Affonso Henriques......»

Vê-se pois d'esta noticia, que el-rei D. Manuel fez collocar no mesmo tumulo, a par do corpo del-rei D. Affonso Henriques, os caixões que encerram os ossos da rainha D. Mafalda, mulher d'este soberano, e os de um infante, seu filho, fallecido de tenra edade, que suppomos ser o infante D. Henrique, primogenito, e fallecido a 5 de março de 1147, contando apenas alguns mezes de edade.

As pessoas que tinham dúvidas ácerca do logar da sepultura da rainha D. Mafalda ficarão assim esclarecidas.

Assim tambem n'essa occasião foram depositados os restos mortaes da rainha D. Dulce junto dos de seu esposo, el-rei D. Sancho I, dentro do mesmo tumulo.

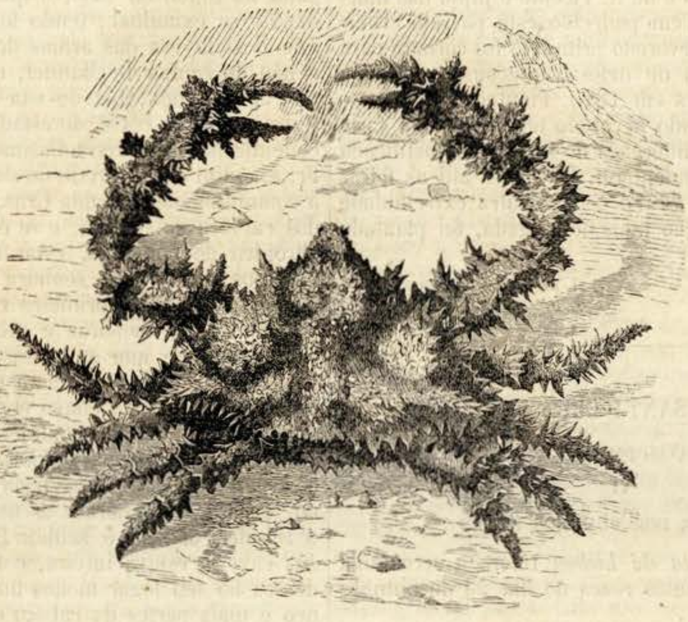
(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

VERDADEIRO AMOR DA PATRIA

Um diplomata inglez, estando ultimamente em Bristol, referiu, entre as impressões da sua viagem aos Estados Unidos, durante a guerra, o seguinte facto interessante:

«Entrei um dia, disse o diplomata, em uma typographia de Chicago, cujo dono era o sr. Wilson, havia annos secretario da legação anglo-americana em Londres. Conversando nós a respeito dos ultimos acontecimentos, disse-me: —«Quarenta e sete dos typographos que vê foram soldados. Aquelle era major no exercito federal, e aquell'outro capitão; este era tenente, e est'outro sargento.»

«Trabalhavam todos com tamanha placidez, como se não houvessem nunca saído da officina; e perguntei-lhe:



Caranguejo espinhoso

—«Como procedeu v. quando elles deixaram a typographia?»

«E Wilson respondeu-me:

—«Dei-lhes um papel em que me obrigava a admittil-os novamente, logo que voltassem da campanha. Nenhum d'elles pediu nem teve um real de pensão depois da guerra; e, pelo contrario, considerar-se-hiam insultados se alguem se lembrasse de propor-lhes uma recompensa por serviços que julgavam como o comprimento de dever para com a patria.»

Satisfaz esta resposta, porque aquelles artistas davam assim aos seus concidadãos um exemplo digno de imitar-se — servir bem a patria, com sacrificio e abnegação, sem a mira no lucro anticipado, nem na recompensa futura. Prouvéra a Deus que o seguissem muitos dos que estão a todos os momentos invocando o amor da patria, que só se traduz nos proventos que n'ella vão colhendo. B. A.

CARANGUEJO ESPINHOSO

Este crustaceo, tão singular pela sua fórma exquisita, está classificado pelos naturalistas na ordem dos *decapodas* (quer dizer que tem dez pés); na familia dos *brachyuros* (de cauda curta); e na tribu dos *triangulares*, pois que tal é a sua fórma. Um naturalista moderno chama a esta tribu dos *parthenopianos;* nome derivado do que a sciencia deu a esta especie, que é *parthenope horrida*, chamada por Linneo *cancer horridus*.

O genero *parthenope*, creado pelo naturalista Fabricio, compunha-se de um grande numero de especies. Appareceu, porém, um novo legislador, o dr. Leach, que dividiu aquelle genero em alguns outros, deixando-lhe por unica especie a do *parthenope horrida*.

Habita este caranguejo o oceano Indico e o Atlantico, porém abunda mais no primeiro. O seu comprimento varía de duas a tres pollegadas. É todo coberto de protuberancias, e eriçado de espinhos. As pernas dianteiras são mui compridas, deseguaes na grossura, tuberculosas e espinhosas. As patas dos outros quatro pares de pernas são guarnecidas de longos e agudos espinhos, dispostos em uma fileira na parte superior, e em duas na parte inferior. Os olhos estão situados na extremidade de pedunculos moviveis, que saem de duas covinhas da borda anterior da fronte, de modo que se podem occultar nas ditas covas, á vontade do animal. Alimenta-se este crustaceo de mariscos. Tem a côr pardacenta a especie que vive no Atlantico, e um pouco avermelhada a que se encontra no oceano Indico. A carne é saborosa, e faz-se d'ella, como da das outras especies de caranguejos, delicados guisados. I. de Vilhena Barbosa.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio